

## ARTIGO



Augusto Rocha\*

## BR-319 entre o discurso ambiental e a decisão política

Finalmente vai sair a obra de recuperação da BR-319? É difícil acreditar. Entretanto, sempre esteve muito claro que não era um problema técnico, jurídico ou orçamentário. Sempre se tratou de uma questão política e executiva. Querendo fazer, a obra sairia. A questão é que a cultura política não era nada trivial.

Ora existia falta de dinheiro, porque o dinheiro iria para as regiões mais ricas do país e com isso surgiam as desculpas. Em outro momento, a política era mais ambientalista e assim, com projetos descuidados com o meio ambiente, levava-se o assunto para o judiciário facilmente interromper as obras. E os políticos fugiam da política, colocando a culpa na justiça. Em outros momentos, predominava a pouca preocupação ambiental, mas, neste caso, não se tinha a intenção de

alocar investimentos na Amazônia. Assim, mais uma vez, o problema era do judiciário, para paralisar as ações, por falta de orçamento ou de projetos apropriados.

O efeito era sempre o mesmo: nada fazer. Isso sem falar nos embates políticos regionais. Factualmente, não era uma preocupação ambiental, social ou econômica. A dinâmica era uma política amazônica enfraquecida, de proteção pela inação e do uso do judiciário para interromper as forças políticas contrárias, com foco no descuido ambiental ou no descuido econômico. Era o predomínio ao desprezo da Amazônia e do interesse de suas populações.

Foi necessário mudar o marco legal ambiental, trocando as leis de regulação que influenciam esta obra, neutralizando os descuidos de projetos de engenharia e a força da política ambien-

tal. Foi necessário unir as forças políticas regionais, para decidir fazer a obra, pois, no passado, havia divergência nas lideranças, onde uns queriam, outros não aceitavam. Adicione-se a isso uma liderança nacional defendendo a Amazônia, por mais que para alguns ambientalistas isso pareça um contrassenso.

Ao que tudo indica, parece que a lei parou de ser um impeditivo. O orçamento apareceu. O meio ambiente parece ser prioridade. O social parou de ser desprezado. Com estas quatro questões, a rodovia certamente será recuperada. A política lidera o tripé da sustentabilidade. Sem esta concertação, não haveria como a obra acontecer. Será que finalmente o asfaltamento do trecho do meio da BR-319 acontecerá? Em minha opinião – e posso mudar de ideia no futuro – finalmente, chegou o momento. A obra sairá.

Quando uma cerimônia política firmar esta ordem de serviço, como decisão executiva federal, conjugada com o compromisso do Amazonas e de Rondônia: a obra começará a ser feita.

Passaremos então para a outra fase: assegurar a sua conclusão e defender as salvaguardas ambientais. Está na hora de começar os diálogos com todos os municípios de seu entorno. Está na hora de começar a construção das proteções ambientais e sociais para garantir o êxito econômico e proteger a floresta. Está na hora do diálogo de quem quer fazer, mas respeita a economia, o ambiente e as pessoas. Precisamos seguir a construção republicana. Enquanto este equilíbrio estiver de pé, teremos tido sucesso. Fora dele, não há o que celebrar. É preciso fazer a rodovia, para as sociedades, atendendo ao requisito econômico e com respeito ao meio ambiente.

\*é professor da Ufam

## ARTIGO



Thomaz Meirelles\*

## Omar Aziz: Reduzir o PIM a salário é populismo barato e eleitoral

Volto a repetir: é legítimo o desejo do senador Omar Aziz de se candidatar ao governo. O que não é aceitável é usar um discurso que subestima a inteligência dos amazonenses mais experientes e tenta iludir os jovens empreendedores. Esse tipo de fala causa indignação em quem conhece o que está por trás dessa narrativa.

É um discurso que lembra promessas fáceis, como as do Luiz Inácio Lula da Silva com a “picanha e cervejinha gelada”. A Zona Franca de Manaus tem quase 60 anos, e o próprio Omar já foi governador. Quantas vezes ele atuou de forma concreta pela valorização salarial dos trabalhadores do PIM/ZFM? Em breve deverá atacar os empresários do comércio na questão salarial. Os assessores do Omar têm que dar um basta nesses discursos teatrais. O Bolsa Floresta ficou 14 anos em R\$ 50 e não vi um discurso do Omar para aumentar esse valor de miséria pago ao caboclo que preservou a floresta em pé. Defendo o Agro e todas as atividades econômicas sustentáveis no Amazonas, mas não há como falar de desenvolvimento no Amazonas sem reconhecer o papel fundamental do Polo Industrial de Manaus. Mais do que produzir bens, as indústrias da ZFM sustentam boa parte da estrutura social e tecnológica do Estado. São elas que viabilizam, por exemplo, a UEA, garantindo ensino superior gratuito em todos os municípios, além de fundos que apoiam o pequeno produtor e para interiorizar a economia. Os inves-

timentos obrigatórios em pesquisa e desenvolvimento colocam o Amazonas na fronteira da inovação, enquanto iniciativas como a bioeconomia buscam transformar nossa biodiversidade em riqueza real. Sei que estamos longe disso acontecer na bioeconomia em decorrência de quem comanda esse recurso, mas as indústrias têm feito sua parte. Defender a ZFM é defender a sobrevivência de instituições essenciais.

Fica a pergunta: nesse mesmo discurso, foram mencionados os bilhões destinados a ONGs, os altos salários de suas diretorias ou os recursos que não chegam a quem realmente preserva a floresta? Será que o senador Omar Aziz falou que as indústrias destinam milhões para o PPBio que, com aval da Suframa, é administrado por uma ONG chamada Idesam que entrou na justiça para barrar o licenciamento do reasfaltamento da BR-319? Essa ONG é parceira de outra conhecida ONG, a FAS, que o senador viu nascer e nada opina sobre seu “trabalho” no Amazonas. Ao criticar salários em encontro com jovens empreendedores, disponível em seu instagram, o senador ignora deliberadamente o conjunto de benefícios que o PIM gera para o Amazonas por pura conveniência. Temos pautas importantes para debater, esse teatro que segue modelo petista não cola mais. Que outros articulistas questionarão esse posicionamento do senador Omar Aziz que quer voltar a ser governador? Ficarão no silêncio?

\*é servidor público federal, administrador, especialização na gestão da informação ao agromercado - thomaz.meirelles@hotmail.com

## ARTIGO



Carlos Silva\*

## As constituições do Brasil

Bem, vamos iniciar o artigo nos ambientando: fomos colonizados e explorados de 1500 até 1808. E fomos invadidos também. Ou seja, o nosso Brasil nasceu em uma situação belicosa. Mas, conseguimos vencer todos os nossos inimigos. Pelo menos os inimigos externos ou estrangeiros. Depois de 1808 fomos apenas explorados, mas iniciamos a perder as correntes com Portugal, haja vista que a Realza estava aqui, na terrinha. Enfim, em 1822 declaramo-nos independentes da Corte lusitana. E não foi fácil manter esse status quo. E agora éramos um Império. Aliás, o único império da América do Sul. E tivemos muita confusão aqui no nosso Brasil. E de brasileiros contra brasileiros, contrariando, desde sempre, a tal da índole pacifista do nosso povo. Nós, brasileiros, nascemos em conflitos e tivemos que lutar e muito pela nossa liberdade, pela nossa vida e pela nossa própria cultura. Por fim, em 1824, depois de muita confusão, recebemos a nossa primeira

Constituição, que o povo nem sabia do que se tratava devido às limitações censitárias de renda para se poder votar. Ou seja, éramos uma sociedade totalmente segregacionista, sim. Mas, essa Constituição durou 67 anos! Claro que o povo não se beneficiou totalmente dela. Naquele tempo, só os poderosos podiam mandar e desmandar. E essa Constituição manteve o regime da escravidão. Ou seja, nada de democrática. Mas, passou o tempo e em 1891 tivemos outra Constituição. E em seguida ao estabelecimento da República. É moda no Brasil quando se altera o regime, cria-se uma nova Constituição. Isso é até saudável. E até lógico. Mas, também demonstra uma certa falta de maturidade política do nosso país. O pior dessa Constituição foi a exclusão das mulheres ao direito sagrado de votar. Desnecessário falar mais alguma coisa. Puramente imbecil esta Constituição, fora outras imbecilidades, mas, naquela época era razoavelmente aceitável.

Naquele momento da História, alguns pensadores concluíram: não basta ter uma Constituição para ser um país livre e democrático. Aliás, nem se falava muito em Democracia. O tempo passou e, 43 anos depois, recebemos a Constituição de 1934, que durou 3 anos e em 1937 a Ditadura Vargas nos impôs a Constituição de 1937 - a POLACA. Hoje em dia não se fala muito na época da Ditadura Vargas. Por que será? Nesse período foram suprimidos alguns componentes da Democracia, mas o nosso país cresceu em muitas áreas. Em seguida veio a Constituição de 1946, no pós-guerra e focada no retorno à Democracia. Em 1961 foi implantado o parlamentarismo, e com a crise sucessória seguinte (vejam nos anais da História), em 1962, por meio de plebiscito, os brasileiros optaram pela volta do presidencialismo. Naquele tempo, o povo queria que o Presidente realmente presidisse. Ou seja, conforme também o plebiscito do Desarmamento, observa-

-se que a opinião pública, neste caso, tem reduzida eficácia. Enfim, veio a Constituição de 1967, no moldes do status quo mundial da Guerra Fria. Mas, definia muito bem a área de atuação de cada poder constituído. Finalmente, em 1988, foi promulgada outra Constituição, que está em vigor. Em resumo, tivemos a Constituição de 1891 imposta por Sua Majestade, a de 1937, imposta por Getúlio Vargas e a de 1967, orientada pelos militares. E hoje, temos a Constituição de 1988, promulgada com ampla participação popular, na época da sua promulgação. O nosso Brasil é um país único na sua formação e no seu desenvolvimento. Temos problemas únicos e uma forma de política também única. Mas, estamos vivendo. E é interessante observar que sempre, na nossa história, tivemos alternâncias de poderes democráticos e poderes ditatoriais. Enfim, a vida segue. E a História também, com certeza. E com cervejas! Geladas!

\*é professor e coronel do Exército, na reserva, serviu mais de 15 anos na Amazônia

## ARTIGO



Flávio Guimarães\*

## Aprendizagem organizacional: o diferencial entre sobreviver e liderar no Amazonas

No dinâmico cenário empresarial atual, a passividade é o caminho mais rápido para a obsolescência. Para o profissional que deseja se destacar, não basta apenas executar; é preciso duvidar, analisar e agir. A verdadeira aprendizagem organizacional nasce da capacidade de transformar dados brutos em conhecimento estratégico para a tomada de decisão.

Muitas empresas ainda sofrem de uma “miopia de gestão”, confundindo

investimento em pessoas com custo operacional. Essa visão limitada cria barreiras que sufocam a inovação. Quando a comunicação falha e a orientação para processos é negligenciada, o aprendizado é interrompido e o sucesso torna-se um alvo inalcançável.

Desenvolvimento profissional exige inconformismo. Não podemos aceitar processos apenas “porque sempre foram feitos assim”. É necessário

questionar estruturas existentes; identificar gargalos com olhar clínico e buscar a solução, não apenas apontar o erro.

O trabalho individualista ainda é um fantasma nas corporações. Profissionais egocêntricos, sem sensibilidade para o coletivo, geram desequilíbrio e dificultam o alcance de metas.

“A grande dificuldade das empresas hoje não é técnica, mas humana: a formação de equipes reais”.

Para reverter esse qua-

dro, precisamos de chefes que assumam o papel de líderes. A liderança eficaz foca em pessoas e processos simultaneamente, garantindo que a comunicação flua sem deixar sequelas que prejudiquem os resultados a longo prazo.

A mudança começa pela ação da dúvida. Ao questionarmos o status quo, abrimos espaço para o novo aprendizado diário. Críticas construtivas criam o equilíbrio necessário para ajustar a rota e transformar

**Sem essa capacidade analítica, somos apenas passageiros em uma organização, em vez de sermos os pilotos do nosso próprio sucesso**

a gestão local em uma referência nacional.

Estar entre os melhores não é questão de sorte, mas de preparo. Ao capacitarmos nossas equipes para gerir dados e pessoas com

excelência, as barreiras que pareciam intransponíveis tornam-se apenas degraus para um sucesso consistente e duradouro.

Vamos refletir sobre isto?

\*é mestre pela UFFPA, diretor de educação da ABRH e coordenador dos cursos tecnológicos e da pós-graduação da Faculdade Estácio do Amazonas